

OS "HABITANTES NATURAIS" DA CAPITANIA DE PORTO SEGURO: TERRITORIALIZAÇÃO, FLUXOS CULTURAIS E SOCIABILIDADES A PARTIR DA "VIAGEM AO BRASIL"

Cíntia G. Lima^{1*}, Francisco Cancela²

1. Estudante de História do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (DCH/UNEB)
2. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia (DCHTXVIII/UNEB)

Resumo

O presente trabalho, resultado final de projeto de Iniciação Científica, objetiva valorizar as contribuições dos registros do príncipe Maximiliano de Wied-Neiwied para a história indígena da antiga Capitania de Porto Seguro. Os dados levantados permitiram cartografar os territórios étnicos da região no início do século XIX, observando igualmente as experiências de aliança e conflito entre indígenas e a sociedade colonial, além de também inventariar os saberes tradicionais presentes no livro relato da "Viagem ao Brasil". Construído partir dos escritos do príncipe naturalista, este trabalho não ignorou que os relatos de viagens apresentam uma perspectiva eurocêntrica resultando numa concepção generalizante sobre as práticas culturais dos diferentes grupos étnicos.

Palavras-chave: Povos Indígenas; Maximiliano de Wied; Porto Seguro.

Apoio financeiro: FAPESB – Fundação de Amparo À Pesquisa do Estado da Bahia.

Trabalho selecionado para a JNIC: PPG/UNEB – Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação da Universidade do Estado da Bahia.

Introdução

Extraordinários acontecimentos ilustram, em linhas gerais, a trajetória de Maximiliano de Wied em terras brasileiras. Conforme sua pretensão, "Viagem ao Brasil" se constituiu em um rico acervo científico e cultural. Motivado por um outro viajante, Alexander von Humboldt, e por seu professor Johan Friedrich Blumenbach, Wied destina grande parte de seu itinerário ao interior da América Portuguesa. Em dezembro de 1815, inicia sua expedição na antiga Capitania de Porto Seguro, e registra inúmeras observações sobre a história, cultura e natureza do que geograficamente remete do Rio Doce até o Rio Jequitinhonha.

Porquanto, direcionado por sua filiação científica, Maximiliano descreve os índios do Brasil com bastante precisão a partir de sua experiência. Entre as teses que eram debatidas na Europa, acreditava-se que os índios do Novo Mundo eram o elo perdido da evolução humana. Assim a questão indígena se insere em "Viagem ao Brasil", como um objeto de estudo da História Natural e, portanto, passível de catalogação e sistematização.

O acervo de Wied possibilitou a sistematização de importantes dados sobre os povos indígenas da antiga Capitania de Porto Seguro, permitindo o levantamento de uma série de características etnológicas, a saber: cartografia da distribuição geográfica das diferentes etnias, relações interétnicas e a identificação dos saberes tradicionais construídos pelos indígenas, presentes no relato de viagem de Wied.

Metodologia

Inicialmente, foi necessário realizar leituras acerca da tipologia documental, analisando a viagem e a trajetória do viajante. Em seguida, após destacar aspectos metodológicos sobre a utilização do relato de viagem enquanto fonte histórica, realizou-se a análise do livro "Viagem ao Brasil". Com o propósito de sistematizar os registros da pesquisa, produziu-se um banco de dados direcionado por temáticas construídas a partir dos objetivos. Posteriormente, cruzamos as informações com outras fontes históricas do período em que o viajante esteve na antiga Capitania de Porto Seguro.

Resultados e Discussão

Experiências de Aliança e Conflito na Sociedade Colonial:

A radicalização da guerra contra os índios inimigos marca a primeira metade dos oitocentos nos sertões. Para resolver o problema de isolamento e integração com as rotas comerciais, era necessário "desinfestar" os territórios do interior do continente do domínio dos povos indígenas, seja através da sua integração ao sistema colonial seja através de sua eliminação. Ao mesmo tempo em que visava eliminar a presença física dos povos nativos para incorporar suas terras, resolvia também a questão da mão de obra para os colonos que não possuíam liquidez para se aventurar no mercado de escravos africanos. (MOREIRA, 2010; PARAÍSO, 1982).

Em virtude da necessidade colonial de expansão, numa região densamente povoada por índios, foi decretada Guerra Justa contra as etnias que não se submeteram às condições exigidas pelos colonos. A Guerra Justa foi decretada através de várias cartas régias, destacando-se as cartas régias de 13 de maio e 5 de novembro de 1808 que demarcou um acirramento no combate aos botocudos. (MOREIRA, 2010; PARAÍSO, 1992).

O relato do viajante Maximiliano de Wied é atravessado por esse contexto, evidenciando registros da

Guerra Justa que se institucionalizou contra os indígenas considerados inimigos. “Viagem ao Brasil” possibilita repensar esse conflito, dessa vez, pautando as resistências indígenas ao processo de expansão oitocentista, desconstruindo a perspectiva de que os índios teriam se submetido aos colonos sem nenhuma resistência:

Esses selvagens se distinguem pelo costume de comer carne humana e pelo espírito guerreiro: tem oferecido, até agora, obstinada resistência aos portugueses. Se algumas vezes se mostraram amigáveis em certo lugar, cometeram excessos e hostilidades em outro; daí nunca ter havido um entendimento duradouro com eles. (WIED, 1989, p. 153).

Para legitimar moralmente a guerra ofensiva contra os índios botocudos, era necessário atribuir a esse grupo tudo que era contrário ao sistema colonial. Nesse sentido, observamos que a atribuição da antropofagia foi fundamental para consolidação da guerra. Maximiliano escreve isso em diversos momentos, sobretudo no capítulo em que discorre sobre a etnografia dos botocudos:

Desde a época das primeiras descobertas houve no Brasil, assim como em todas as partes do mundo, povos selvagens em guerra permanente uns com os outros. Nesse caso, estão os botocudos, que guerreavam ininterruptamente as tribos vizinhas, levando sobre elas a vantagem de serem mais fortes e muito temidos, por terem a fama de antropófagos. (WIED, 1989, p. 310).

Decorrente da necessidade de consolidar a guerra, os colonos implantam quartéis e destacamentos próximos aos rios, para proteger as rotas marítimas e facilitar a fuga dos soldados. Maximiliano de Wied ressalta a existência de quartéis e destacamentos ao longo do seu percurso. Em Linhares, após narrar um conflito entre os botocudos, o conde de Linhares e o tenente Calmon, o viajante descreve a fixação de unidades militares que tinham a finalidade estratégica de proteger as relações com Minas Gerais. Conforme está registrado em “Viagem Ao Brasil”:

A fim de proteger toda essa colônia dos ataques e crueldades dos Botocudos, estabeleceram, em diferentes direções, oito postos no interior das florestas, os quais ao mesmo tempo se destinam a proteger as ligações comerciais com Minas Gerais, ultimamente tentadas pelo rio acima. (WIED, 1989, p. 150).

Os postos militares não possuíam apenas o objetivo de combater através do enfrentamento militar. Eram palco de relações muito mais complexas, que incluíam a atração de índios com a oferta de diversos itens, como alimentação e armas. Ao longo da iniciação científica, analisamos diversos momentos em que o viajante descreve a presença dos índios nos quartéis e destacamentos, em relações de aliança com os colonos em troca de benefícios. Em sua estadia no Destacamento dos Arcos, o viajante descreve:

Esquadrinhavam todos os cantos da casa, procurando comida, de apetite sempre aguçado: subiam em todos os mamoeiros, e assim que o fruto mostrava, pela cor verde-amarelada, um princípio de amadurecimento, arrancavam-no imediatamente; mais ainda, muitos o comiam completamente verde, ou assado em brasas, ou cozido. (WIED, 1989, p. 248).

Contudo, nem sempre os postos militares eram espaços de relações de aliança e de cordialidade. Em diversos momentos, Maximiliano de Wied escreve sobre os ataques de Botocudo nas unidades. Os índios não atacaram esses espaços apenas para obter alimentação e armas, e sim por saberem da importância militar, econômica e política que aquele espaço detinha. Uma vez que os postos militares serviam a diversos interesses e eram, em suma, uma forma de povoar o interior da capitania.

Distribuição Espacial dos povos Indígenas na antiga Capitania de Porto Seguro:

Maximiliano de Wied pinta, através de suas palavras, um *dégradé* étnico, que pôde ser traduzido, a partir de uma leitura aprofundada, em um mapa das etnias que habitavam a antiga Capitania de Porto Seguro no momento de sua expedição. A partir das informações coletadas, foi possível construir uma tabela com as principais informações acerca da localização das etnias mencionadas na antiga Capitania de Porto Seguro. De acordo com os dados apresentados no quadro, é possível constatar que: 1) grande diversidade dos povos macro-jê ainda existe nas florestas da capitania no início do século XIX; 2) a presença de índios em áreas supostamente de domínio luso-brasileiro, como as vilas, quartéis e destacamentos.

Mapa étnico da antiga capitania de porto seguro (1815-1817)

| ETNIA | LOCALIDADE |
|-------|------------|
|-------|------------|

| | |
|-----------------|---|
| Pataxó | Vila de S. José do Pôrto Alegre; S. Mateus/Rio S. Mateus; Vila de Prado; Alcobaça; Comechatiba; Trancoso; Porto Seguro; Fronteira de Minas Gerais; Rio Doce; São José da Barra Longa. |
| Cumanaxó | Vila de S. José do Pôrto Alegre; S. Mateus/Rio S. Mateus. |
| Maxacali | Vila de S. José do Pôrto Alegre; S. Mateus/Rio S. Mateus; Vila do Prado; Porto Seguro; Caravelas; Fronteira de Minas Gerais; Rio Doce; São José da Barra Longa. |
| Panhami | Vila de S. José do Pôrto Alegre. |
| Botocudo/Aimoré | Vila de S. José do Pôrto Alegre; Porto Seguro; Rio Mongiquiçaba; Belmonte; Rio Ilhéus/Rio Itaípe; Fronteira de Minas Gerais; Rio Doce; São José da Barra Longa. |
| Panhami | Vila de S. José do Pôrto Alegre |
| Menien/Camacã | Ibibura; Belmonte. |
| Maconi | Vila de S. José do Pôrto Alegre. |

Fonte: WIED MAXIMILIAN, Prinz Von. Viagem ao Brasil. Tradução de Edgar S. de Mendonça e Flávio P. de Figueiredo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1989.

Identificação e análise dos saberes tradicionais:

Os saberes tradicionais dos povos indígenas encontrados por Maximiliano de Wied, na antiga Capitania de Porto Seguro, foram um dos principais pontos de nossa pesquisa de Iniciação Científica. Acreditamos que esse direcionamento nos leva a refletir, sobretudo, acerca do distanciamento entre os costumes dos povos tradicionais e o que era definido como ciência pela Europa oitocentista. Segundo Boaventura de Souza Santos (2005, p. 21), a criação do conceito de ciência resultou de “processo longo e controverso e que para o seu desfecho contribuíram não só razões epistemológicas, mas também fatores econômicos e políticos”.

Os índios se apropriaram de diversos elementos da flora e fauna para desenvolver técnicas de sobrevivência. Ao contrário do que era a História Natural oitocentista, o conhecimento indígena não se enquadrava em métodos de classificação, nomenclaturas e divisões.

Destarte, essas reflexões sobre a etnobiologia nos levam a problematizar os registros do príncipe de Wied. Em seu capítulo destinado ao etnografia dos botocudos, Maximiliano fornece importantes reflexões sobre os costumes indígenas, sobretudo no que se tange a práticas de cura: “A experiência lhes ensinou muitos meios de combater não só os ferimentos externos como até várias doenças. Com ela aprenderam muitos remédios alguns dos quais talvez pudessem achar aplicação em nossas farmácias.” (WIED, 1989, p. 315).

Em síntese, foi possível constatar que os saberes tradicionais a respeito das propriedades curativas das plantas eram preservadas por um pequeno grupo dentro de uma determinada etnia, geralmente anciãos. Os índios mais velhos ficariam encarregados de ensinar as práticas para os mais novos. O viajante exemplifica isso ao tratar dos botocudos: “Conheceriam os selvagens todas as plantas dotadas de ação sobre o seu organismo, cabendo quase sempre aos velhos opinar sobre as suas virtudes. Não é fácil conhecer os remédios que usam porque disso, mesmo entre si, fazem segredo.” (WIED, 1989, p. 316).

Com base nos dados obtidos, foi possível construir uma tabela sistematizando as informações coletadas no que tange as propriedades curativas da fauna e da flora.

Saberes tradicionais dos Povos Indígenas na antiga Capitania de Porto Seguro (1815-1817)

| ITEM | SINTOMA | UTILIZAÇÃO | ETNIA | LOCAL DE REGISTRO | PAG. |
|--------------------------------------|-----------------------|-----------------------------|----------|-------------------|--------|
| Mel | Febre | Ingerir o copo de mel | Botocudo | Vila de Prado | p. 213 |
| Aroreira | Moléstia nos olhos | Ingerir suco da aroeira | - | Porto Seguro | p. 230 |
| Canção/giacu tectec (Jatropha urens) | Inflamações no sangue | Incisões na parte inflamada | Botocudo | Belmonte | p. 316 |
| Urtiga (urtica) | Inflamações no sangue | Incisões na parte inflamada | Botocudo | Belmonte | p. 316 |
| Arco e flecha com um pedaço de | Inflamações no sangue | Penetração na veia | Coroados | Minas Gerais | p. 316 |

| | | | | | |
|--------------------------------------|--------------------|---|----------|----------|--------|
| vidro na ponta, envolvido em algodão | | | | | |
| Pohuit | Mordedura de cobra | Um colar de "pohuit" é amarrado em cima da região mordida | Botocudo | Belmonte | p. 317 |
| Carapaça de tatu | Dores no ventre | A carapaça é esfregada no baixo ventre | Botocudo | Belmonte | p. 317 |
| Carapaça de tartaruga | Dores no ventre | A carapaça é esfregada no baixo ventre | Botocudo | Belmonte | p. 317 |

Fonte: WIED MAXIMILIAN, Prinz Von. *Viagem ao Brasil*. Tradução de Edgar S. de Mendonça e Flávio P. de Figueiredo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1989;

Conclusões

A análise do relato de viagem de Maximiliano nos possibilitou, como um quebra-cabeça, utilizar os indícios presentes em seus registros para investigar aspectos culturais, políticos e antropológicos sobre a história dos índios na antiga Capitania de Porto Seguro. Acreditamos que essa nova perspectiva se insere dentro da busca pela descolonização da historiografia, reconstruindo uma nova visão do colonizado com foco em suas adaptações e resistências.

O principal objeto de estudo presente em "Viagem ao Brasil" são os índios botocudos. Ao mesmo tempo em que reproduz e legitima o sistema de trabalho compulsório, Maximiliano questiona a forma como os colonos lhes tratam. Para além dessas problemáticas lançadas, é interessante perceber a escassez de fontes sobre esse grupo, e que portanto um dos grandes méritos do viajante foi produzir um acervo completo acessível com relação aos Botocudo.

Porquanto, um questionamento direcionava a pesquisa: qual o lugar ocupado pelos índios na política indigenista oitocentista? Para essa resposta, tornou-se imprescindível repensar o nosso próprio conceito de índio como um ser passivo. Era objetivo da coroa portuguesa suprimir as resistências indígenas, e nisso consistia a incorporação de suas terras e eliminação de toda sua cultura e identidade, pois era impensável afirmar uma identidade europeia numa terra com bárbaros, selvagens e antropófagos.

A relação entre Estado e sociedade não deve ser vertical, e sim pensando que as experiências vividas pelos indígenas não são necessariamente o que está na norma. Os sujeitos históricos são passíveis de romper com as estruturas impostas. Isso fica evidente ao identificar as resistências indígenas, que se concretizaram em diversas esferas: sejam elas culturais ou militares.

Assim, acreditamos que nossa pesquisa de Iniciação Científica possibilitou avanços para a historiografia regional e indígena, pois conseguiu acumular diversas informações sobre diferentes etnias que servirão futuramente para que novos estudos sejam produzidos a respeito da temática. Contribuindo, assim, para compreender as relações oitocentistas e como isso serviu para a construção das relações étnico-raciais do presente.

Referências bibliográficas

CANCELA, Francisco. **De projeto a processo colonial: índios, colonos e autoridades régias na colonização reformista da antiga Capitania de Porto Seguro**. Tese (Doutorado em História). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. 1808: a guerra contra os botocudos e a recomposição do império português nos trópicos. In: José Luís Cardoso; Nuno Monteiro Gonçalo; José Vicente Serrão. (Org.). **Portugal, Brasil e a Europa Napoleónica**. 1ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010, v., p. 391-413.

PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. **Repensando a Política Indigenista para os Botocudos no Século XIX**. Revista de Antropologia (São Paulo), São Paulo, v. 35, p. 75-90, 1992.

PIJNING, Ernest. **O ambiente científico da época e a viagem ao Brasil do príncipe alemão Maximiliano de Wied-Neuwied**. Oceanos, Lisboa, n. 24, out/dez, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula G. de; NUNES, João Arriscado. Introdução: Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In: **SEMEAR OUTRAS SOLUCOES: OS CAMINHOS DA BIODIVERSIDADE E DOS CONHECIMENTOS RIVAIS**. (Reinventar a emancipação social: para novos manifestos; v.4). Boaventura de Sousa Santos (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

WIED MAXIMILIAN, Prinz Von. **Viagem ao Brasil**. Tradução de Edgar S. de Mendonça e Flávio P. de Figueiredo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1989.